



### **A Importância do Tradutor e Intérprete de Libras: Desafios e Inovações**

*Márcia Rejane Oliveira Santos<sup>1</sup>; Joelson Rodrigues Miguel<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo conhecer as contribuições do Tradutor Intérprete de Libras para alunos surdos, vislumbrando ideologias e práticas, nas escolas públicas em três municípios do estado de Sergipe/Brasil: Ribeirópolis, Itabaiana e Campo do Brito. Identificando a trajetória do Intérprete de Libras, descrevendo a prática exercida com foco no processo de formação integral dos discentes surdos; e conhecendo as contribuições do tradutor e intérprete de Libras, nestas instituições. Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo, pesquisa básica, bibliográfica, de caráter exploratório. Sendo Sujeitos 06 Professores. O tipo de amostra é não-Probabilística - Intencionais ou de Seleção Racional. O Instrumento de coleta de dados foi entrevista estruturada com aproximadamente 09 (nove) questões. Nas quais se constatam que a deficiência não se encontra nas necessidades educacionais dos alunos que apresentam “diferenças” no modo de aprender, mas, nos profissionais que acreditam que o seu potencial cognitivo é autosuficiente, transferindo responsabilidades ao invés de qualificar-se para atender os desafios e adversidades encontrados no ambiente escolar. Portanto, a educação de surdos começa a apresentar resultados na esfera nacional, como o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem 2017, que traz provas adaptadas para os surdos, Tradutor e Intérprete de Libras e todo material necessário para que o surdo tenha condições de realizar a prova com êxito. Porém, apesar das conquistas, deve-se perpassar por mobilizações e transformações no modo de acolher, ensinar e incluir. Nesse contexto a pesquisa promove reflexões sobre o trabalho do Tradutor e Intérprete de Libras e todos os profissionais da Educação, mostrando importância e função, a luz das leis relativas à Inclusão e da literatura disponível, enfatizando o direito que o aluno surdo tem, de ter o acompanhamento deste profissional na sala regular, possibilitando através da interlocução a aquisição de conhecimentos relativos à aprendizagem e a vida.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar. Alunos surdos. Professores. Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Diferenças.

### **The Importance of the translator and interpreter of Pounds: Challenges and Innovations**

**Abstract:** This research aims to know the contributions of the Interpreter of Libras Translator to deaf students, looking at ideologies and practices, in public schools in three municipalities of the state of Sergipe/Brazil: Ribeirópolis, Itabaiana and Campo do Brito. Identifying the trajectory of the Interpreter of Pounds, describing the practice exercised with focus on the process of integral formation of deaf students; and knowing the contributions of the translator and interpreter of Libras, in these institutions. This is an investigation of a qualitative nature, basic research, bibliographical, of an exploratory nature. Being subjects of the same 06 teachers. The sample type is non-Probabilistic - Intentional or Rational Selection. The Data Collection Instrument was a structured interview with approximately 09 (nine) questions. It is found that the deficiency is not found in the educational needs of students who present "differences" in the way of learning, but in

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade Pio Décimo - Campus I – SE. Pós-Graduada em Psicopedagogia Inclusiva. Atualmente professora pela Secretaria do Estado da Educação do Estado de Sergipe Mestrado em Mestrado em Educação pela Florida Christian University, Estados Unidos. Coordenadora Pedagógica do Secretaria Municipal de Educação de Ribeirópolis, Brasil;

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Especialização em áreas de Educação e Artes, Master in Arts - Musicologia - pela Universidade de Campbellsville KY. Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción PY. Pós-Doutorando pela Florida Christian University. joelsonrmiguel@hotmail.com.

professionals who believe that their cognitive potential is self-reliant, transferring responsibilities rather than qualifying for challenges and adversities found in the school environment. Therefore, the education of the deaf begins to present results at the national level, such as the National Examination of Secondary Education - Enem 2017, which brings proofs adapted for the deaf, Translator and Interpreter of Pounds and all material necessary for the deaf to be able to perform the test successfully. However, in spite of the achievements, it must go through mobilizations and transformations in the way of welcoming, teaching and including. In this context the research promotes reflections on the work of the Translator and Interpreter of Libras and all Education professionals, showing importance and function, the light of the laws related to Inclusion and the available literature, emphasizing the right that the deaf student has, to have the accompaniment of this professional in the regular room, making possible through the dialogue the acquisition of knowledge related to learning and life.

**Keywords:** School inclusion. Deaf students. Teachers. Interpreter of Brazilian Sign Language. Differences.

## **Introdução**

O movimento de inclusão pressupõe mudanças na sociedade, na comunidade escolar para ser capaz de receber, acolher e contribuir para a formação de pessoas com necessidades educacionais especiais, neste caso o surdo, pois só assim suas potencialidades serão desenvolvidas. A escola é a responsável pela aquisição e desenvolvimento da língua própria dos surdos - Libras, pois, a maioria das crianças chega ao ambiente escolar sem uma língua constituída, devido ao fato de, no convívio diário, não dispor da língua de sinais para desenvolvê-la e de uma modalidade oral ser-lhe inacessível.

As escolas, nas quais a pesquisa foi desenvolvida, o Colégio Municipal Leniza Menezes de Jesus, na cidade de Ribeirópolis, Escola Estadual Vicente Machado Menezes, localizada a cidade de Itabaiana, Sergipe, Escola Estadual Guilherme Campos em Campo do Brito, Sergipe, são escolas pioneiras em Atendimento Educacional Especializado, bem como, pioneiras em receber e integrar ao quadro funcional da escola o professor Tradutor e Intérprete de Libras.

O objetivo do presente estudo foi conhecer a importância do Tradutor e Intérprete de Libras nas escolas.

## **Escola Espaço de Todos: Desafios e inovações**

A educação inclusiva objetiva constituir políticas públicas que ofereçam educação de qualidade para todos os alunos, atendendo às especificidades de cada um. Constitui-se em um paradigma educacional também fundamentado por leis.

Sob o ponto de vista legal, existem leis regulando quanto ao uso da Libras. A Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002 dispõe:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

De acordo com a referida Lei, Libras foi reconhecida e oficializada como língua no território brasileiro e regulamentada pelo Decreto 5.626/05, e vem abrindo caminhos para que as pessoas surdas sejam respeitadas e se integrem ao meio em que vivem, o que constitui-se em meta da educação inclusiva.

Ainda que o acesso à educação já seja universalizado, continuam sendo excluídos indivíduos fora dos padrões historicamente considerados adequados pela escola. São enfocados neste trabalho os alunos surdos, que são considerados uma minoria linguística, e, portanto, se a educação inclusiva visa a atender as especificidades de cada educando, cabe uma adaptação curricular com uma proposta em que, paralelamente à Língua Portuguesa, a Língua de Sinais seja a língua alvo durante todo o processo educativo.

O aspecto legal da inclusão está bem cuidado. Sabe-se, entretanto, que no que diz respeito à legislação somos um país que “exporta” leis, principalmente quando o assunto é educação inclusiva. Mas a verdadeira inclusão, a entrada, o acolhimento e a permanência de qualquer aluno no sistema escolar não correspondem ao que se almeja.

Muitos trabalhos com a Língua de Sinais continuam sendo desenvolvidos nessas espécies de frentes paralelas e que merecem uma investigação e investimentos frente ao que ocorre nessas vias em termos de discursividade e ações efetivas. Necessitando que conhecimentos sejam disseminados para que o acesso à informação possa contribuir para modificar a realidade vivida pelos surdos na escola e em outros setores da vida.

Ressalta Masutti (2007) que os circuitos de Língua de Sinais das Testemunhas de Jeová e o seu projeto de exportação cultural e linguística dos Estados Unidos como articuladores, dentro daquela organização, de um arcabouço tradutório desenvolvido no contato com a comunidade surda contribui para a formação de intérpretes de Língua de Sinais.

A cada ano tem se tornado mais visível como a militância dos movimentos surdos tem buscado novos rumos para a suas lutas incluindo a questão da tradução e interpretação. Questões sobre a formação dos Intérpretes de Libras estavam incluídas no projeto de lei encaminhado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, em 1996, ao Congresso Nacional. Porém, a lei de Libras 10.436 foi aprovada somente no ano de 2002 e regulamentada em dezembro de 2005 por meio do decreto N° 5626.

Neste decreto há capítulos que tratam do intérprete e do direito dos surdos à sua contratação em espaços institucionais. Os surdos, os intérpretes e profissionais da área, em razão das demandas crescentes de ressignificar a participação da comunidade surda em inúmeros fóruns das quais ela foi historicamente excluída, das salas de aula regular que foram obrigados a deixar em virtude do descaso, da falta de preparo de muitos profissionais, de serem esquecidos nos cantos das salas, por desconhecimento da forma de envolver e desenvolver uma comunicação efetiva como ocorre quando há intérpretes de Língua de Sinais, nas instituições de ensino básico, médio e superior que vêm desenvolvendo pesquisas nas áreas da educação, da linguística, da tradução, da literatura e outras.

Desdobram-se assim as tramas que envolvem essa relação complexa entre surdos e ouvintes, e incita a participação em um movimento nacional que busca os direitos dos cidadãos, o que implica também na organização das categorias profissionais no trabalho com a diferença. Ressaltando que tudo depende dos profissionais envolvidos, de seu compromisso com o Ser e com a Inclusão, com o desenvolvimento de habilidades e competências que promovam a Inclusão de qualquer Ser, seja qual for a necessidade nos ambientes que desejar visando melhor qualidade de vida e estratégias para o alcance dos objetivos.

Pires e Nobre (2004) destacam que na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos há um departamento específico, denominado Departamento Nacional de Intérpretes da Feneis – DNIF, responsável pelas questões referentes aos intérpretes de Libras. Entende-se que a participação e fortalecimento da Feneis como uma instância política que se contrapõe às perspectivas logofonocêntricas (lógica centrada no som) é fundamental nesse processo de redefinição dos espaços das línguas, identidades e cultura.

A Feneis traz a diferença para campo de negociação por meio de representações organizadas, os movimentos surdos mobilizam os discursos e ações que são imprescindíveis à preparação imediata de estruturas que operem com a diferença. Tal preparação pressupõe repensar as diversas áreas do conhecimento a partir das culturas em cena na relação. Isso se

torna um processo de tradução cultural em zonas de contato que podem ressignificar as relações e possibilitar melhores condições para os envolvidos, pois parte significativa da população brasileira possui algum tipo de deficiência.

A temática “Educação de Surdos” tem sido alvo de grandes olhares e observações no cenário educacional do país. Discutir a necessidade da formação de profissionais que possam atender às especificidades educacionais dos sujeitos surdos perpassa por questões inerentes aos novos olhares e construções do fazer pedagógico, tanto no que se refere às problemáticas estruturais dos espaços escolares, como também às estruturas metodológicas que viabilizem essas (trans) formações.

Considerando que a Educação de surdos viabilizar-se-á através de novos fazeres pedagógicos e novos profissionais, como o Tradutor e Intérprete de Libras, pois, como pensar a inclusão de alunos surdos somente com profissionais e alunos ouvintes?

Segundo Skliar (2016, p. 7), “tem-se acentuado um conjunto novo de discursos e de práticas educacionais que, entre outras questões, permite desnudar os efeitos devastadores do fracasso escolar massivo, produto da hegemonia de uma ideologia clínica dominante na educação dos surdos”. A educação de surdos deve ocorrer efetivamente, é preciso investimentos pessoais, profissionais, sociais, estruturais e administrativos.

Para que esta educação ocorra fazem-se necessárias transformações em todos os aspectos, especialmente, no aspecto humano, pois, este poderá modificar padrões e parâmetros que possam viabilizar o efetivo exercício da educação para a comunidade surda, e para a comunidade em geral.

Percebe-se que há muitos anos a educação para surdos é pensada, o que causa estranheza é identificar estudos e sentir que algo foi feito, para poucos. A pesquisadora Albres (2005) observa que, no Brasil, o atendimento escolar especial às pessoas deficientes teve seu início na década de cinquenta do século XIX. A primeira escola de surdos no Brasil foi criada pela Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, por Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, chamada de Imperial Instituto dos Surdos Mudos (IISM), funcionando com o nome Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), voltado à educação literária e ensino profissionalizante de meninos com idade entre 7 e 14 anos.

A educação de surdos no Brasil teve influência do modelo da educação francesa. É importante destacar que cada país e mesmo cada região traz características próprias na Língua de Sinais, independente do modelo que a influenciou.

Para Albres (2005):

Os principais Institutos de Educação de Surdos tiveram como modelo a educação francesa e de Sinais conseqüentemente, independente da contradição entre ensino oralidade ou Língua de Sinais, carregam consigo a Língua Francesa. Por isso a escola tem relação direta com o desenvolvimento da Língua de Sinais em nosso país, pois é nesse espaço que os surdos se encontram quando crianças. (ALBRES, 2005, p. 3)

A Língua de Sinais é de extrema importância para a inserção e inclusão de alunos surdos no ambiente escolar. Não há inclusão sem comunicação. Para que o Surdo seja incluído se faz necessário à comunicação que se realiza para a comunidade surda, através da Língua de Sinais, no Brasil, Libras.

Segundo Góes (2002) a falta de comunicação e de interação sobre conhecimentos e experiências:

Consumo os esforços de interlocução, para instituir-se, ou constituir-se ela própria, de maneira que a elaboração de conhecimentos pretendida (pela intencionalidade pedagógica) realiza-se de forma muito limitada quando (a duras penas) se realiza. (GÓES, 2002, p. 42-43)

Quando com muitos esforços são realizados em busca da interlocução, ou seja, com muitas dificuldades para integrar a presença do Tradutor e Intérprete de Libras, ocorre ainda de forma limitada ou insuficiente, no município de Ribeirópolis, no estado de Sergipe, local onde a pesquisa foi realizada, clarifica-se que o Professor Bilíngue, da Sala de Recursos Multifuncionais, não acompanha o aluno surdo na sala de aula regular, nem nos outros ambientes escolares, mesmo com todo esforço o atendimento é limitado, insuficiente.

Profissionais capacitados para atuar como professor Bilíngue e Intérprete são escassos na maioria das escolas, é necessário qualificar profissionais para que estes sejam multiplicadores dentro das instituições que trabalham na instituição familiar e em todos os grupos dos quais faz parte. Skliar (1999, p.15) informa que “mesmo quando essa capacitação docente ocorre, seu programa ainda é estabelecido dentro de uma visão ouvintista, em consonância com o currículo prescrito, resultando em uma sistemática médico educacional”.

Entre as múltiplas contribuições que geraram essas mudanças, é imprescindível assinalar que a divulgação dos modelos denominados de educação bilíngue e bicultural, e o aprofundamento teórico acerca das concepções sociais, culturais e antropológicas da surdez,

se constituem como os elementos mais significantes, sendo um elemento muito importante o Tradutor e Intérprete de Libras que promove a interlocução e insere o surdo nos contextos sociais, escolares e outros, viabilizando a comunicação do surdo com outros surdos, ouvintes e outros.

Skliar (2016) ressaltando a importância do Tradutor e Intérprete de Libras:

se configura como norteador da comunicação em ouvintes e surdos. Porém, o abandono progressivo de ideologia clínica dominante e a aproximação aos paradigmas socioculturais, não podem ser considerados, por si só, como suficientes para afirmar a existência de um novo olhar educacional. (SKLIAR, 2016, p.8).

O papel do Tradutor e Intérprete de Libras não deve ser visto apenas como eixo norteador, mas, como profissional imprescindível que transmite, traduz e interpreta a língua falada para a língua de sinais.

As limitações na organização de projetos políticos, de cidadania, dos direitos linguísticos, e as dificuldades no processo de reorganização e de reconstrução pedagógicas, ainda sugerem a existência de uma problemática educacional não revelada totalmente. Em outras palavras, a questão não está na quantidade de projetos, mas, o quanto os projetos realmente se aproximam de um olhar antropológico e cultural. (SKLIAR, 2016)

O esforço de muitas instituições para adequar-se as necessidades educacionais da clientela é enorme, porém, estruturalmente, legalmente muitas transformações ocorreram, e os profissionais, quando sentirão que todos os esforços devem estar somados para efetivar a Inclusão? Que não basta uma escola ser acessível no sentido estrutural, que não basta acolher, é preciso Incluir.

Segundo Skliar (2016, p.8), “há necessidade de uma transformação ao nível das representações que conformam os poderes e os saberes clínicos e terapêuticos. Uma transformação que supõe uma análise aprofundada sobre algumas metanarrativas constituídas como grandes “verdades” ancoradas na educação dos surdos”.

As transformações devem ocorrer na prática, não somente nos discursos, na legislação, avaliar o que na História da Educação de Surdos pode ser exemplo e o que pode ser aprimorado, para que a Educação Inclusiva possa de fato permear as instituições escolares brasileiras.

Campello et al. (2012) relata que “A educação inclusiva, grande parte das vezes, permite o convívio de todos os alunos entre si, mas não tem garantido o nosso aprendizado, o

aprendizado dos surdos”, defendem uma escola que seja bilíngue para surdos. Essa escola, que era chamada de escola especial e que passa a ser chamada de bilíngue, é apresentada pelos autores como não segregadora, mas como o espaço educacional possível para o surdo ter acesso ao conhecimento.

Difícil imaginar um surdo sem Tradutor e Intérprete na sala de aula regular sem Intérprete, sem fazer leitura labial, sem comunicação. No Colégio Municipal Leniza Menezes de Jesus em Ribeirópolis, Sergipe, é realidade. O olhar triste, a falta de comunicação, torna o ambiente angustiante, e desperta o desejo de organizar e incentivar o desenvolvimento de estratégias que possam subsidiar suas vidas.

Ainda sobre as mudanças Carlos Skliar (2016, p. 8) indica que “entre essas mudanças metanarrativas, devemos focalizar a atenção nas aparentes “novidades metodológicas” que permanentemente circulam na pedagogia para surdos. É possível que essas “novidades” acertem com lucidez o diagnóstico da crise pedagógica hordieno, mas, geralmente, não conseguem desligar-se de questão das línguas – línguas de sinais/língua oral. É óbvio que mesmo “resolvida” a questão sobre uma proposta significativa de educação para surdos chegue como uma simples e natural consequência”.

Não são as novidades metodológicas que constituíram o diagnóstico da crise e do fracasso pedagógico, é o fazer, o saber fazer, o fazer focado na aquisição da aprendizagem de modo geral através no caso dos surdos da língua de sinais.

Sobre os sentimentos dos surdos e a escola Angelucci e Luz (2010) entendem:

A escola bilíngue seria o espaço de socialização, de construção de uma identidade positivada, de acesso ao conhecimento e uma comunicação significativa para os que costumeiramente são “sem-lugar”. Por outro lado, há que se pensar que o... “(...) problema que pode derivar para a pessoa surda é o sentimento de que apenas “lá”, na escola, entre iguais, é que se pode existir” (ANGELUCCI e LUZ, 2010, p. 41).

O surdo que tem pais ouvintes que desconhecem a língua de sinais sofre muito, pois, só se comunica na escola com seus pares estabelece diálogo ampliando seus conhecimentos, dependendo da comunicação muitas vezes do professor bilíngue ou do Intérprete para falar seus desejos, sonhos, medos e tristeza a seus familiares.

Paralelamente e essa continuidade de significados, surge também um conjunto de contrastes binários, que são típicos desse território educacional. Isto é, a pedagogia para surdos se constrói, implícita ou explicitamente, a partir das oposições

normalidade/anormalidade, saúde/patologia, ouvinte/surdo, maioria/minoria, oralidade/gestualidade. (SKLIAR, 2016).

Por todas essas razões, segundo o autor, uma nova perspectiva não deveria contentar-se simplesmente com a denúncia do fracasso na sua raiz quantitativa e na sua dimensão escolar, nem trabalhar somente sobre os mecanismos possíveis, para retificar dentro de uma mesma lógica discursiva.

Deveria, sim, desnudar as implicações mais dolorosas que esse fracasso gerou na construção das identidades dos surdos, na sua cidadania, no mundo do trabalho, na linguagem, etc. deveria, sim, duvidar dos poderes, arraigados na prática educacional, que ainda reproduzem e sustentam o fracasso, ao considerá-lo como um mal necessário no objetivo da naturalização dos surdos em ouvintes. (SKLIAR, 2016)

É necessário, então, que a dinâmica dentro da própria escola tenha um clima preparatório para as outras fases de ensino que se darão de modo inclusivo, bem como apostar, em caminhos que desmistifiquem a surdez e a Libras e considerem a possibilidade de não apenas o surdo ter que aprender a língua portuguesa, como o ouvinte também se dispor a aprender a Libras, assim, todos falariam a (s) mesma (s) língua (s), a inclusão seria de fato efetivada no que se refere a Inclusão de Surdos.

Dentro desta nova dinâmica estrutural metodológica em que os surdos estão inseridos, seja no âmbito educacional ou social como um todo, o reconhecimento do uso da Língua de Sinais tem se tornado fator primordial para que a construção de conhecimentos por parte dos surdos se efetive, levando em consideração os aspectos linguísticos, históricos e sociais destes sujeitos. Entretanto, há uma cultura, uma língua, aspectos próprios da comunidade surda e, a Língua de sinais é um dos meios mais eficientes, ou o melhor, talvez o único meio pelo qual a inclusão poderá ser efetivada.

Assim, revelar novas práticas, discursos e fazeres pedagógicos, estimula-se à construção de novos olhares, valores, conceitos, que, por sua vez, proporcionam crescimento pessoal e coletivo, profissional e humano. Aprender a língua que as pessoas surdas utilizam é um desafio enriquecedor, ao mesmo tempo em que os movimentos das mãos e as expressões faciais se confundem com o prazer de ver a comunicação em sua mais verdadeira essência acontecer. Deve-se, portanto, fazer parte do Currículo escolar e universitário, como incluir o surdo através da Língua dos Sinais?

Os surdos não são mudos necessariamente, visto que eles possuem o seu aparelho fonador em perfeitas condições de desenvolvimento. A surdez não interfere diretamente na condição fisiológica da oralidade. Muitos deles, por não terem a referência auditiva, acabam não desenvolvendo naturalmente a oralidade assim como os sujeitos ouvintes.

Através da Lei nº 3.198 de 06 de julho de 1957, no ano de 1864, foi criada a primeira instituição superior para surdos, a Gallaudet University, reconhecida como a única faculdade de ciências humanas do mundo para alunos surdos. O uso da língua de sinais justificava-se, na época, para o ensino do surdo a escrever e a falar. A comunicação era presencial e importantíssima como instrumento de relações vinte e oito (28) Letras Vernáculas.

Como o método não atendeu aos objetivos, pois para os surdos é muito mais fácil gestualizar do que desprender energia e tempo para estimular e produzir som vocal desviava-se o foco da oralidade. Até que, no Congresso de Milão, ocorre a proibição do uso da língua de sinais. No período de 1970 a 1992, os surdos se fortaleceram e reivindicaram os seus direitos.

Desde aquela época, as escolas tradicionais existentes no método oral de filosofia e, atualmente boa parte delas vem adotando o modelo inclusivo em que a língua de sinais se constitui elemento primordial para o atendimento educacional dos alunos surdos. Em 24 de abril de 2002, foi promulgada a Lei Federal Nº 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação objetiva e de utilização das comunidades surdas no Brasil.

Em 2005, foi promulgado um decreto que tornou obrigatória a inserção da disciplina de Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio (curso normal) e superior (Pedagogia, Educação Especial, Fonoaudiologia e Letras). Desde então, as instituições de ensino vêm procurando se adequar a esses regimentos legais. Promovendo assim, expandir os conhecimentos sobre a Língua de Sinais.

Assim, a Libras assume um papel linguístico em destaque no cenário nacional da educação, permitido pela realidade da comunicação, dentro de um modelo multicultural, como uma perspectiva humanizadora, oportunizando, nos espaços sociais, uma leitura de mundo que respeita a diversidade e busca promover a inclusão.

O compromisso de ensinar os conteúdos curriculares fica com os professores ouvintes, na maioria das escolas públicas ou privadas, que atendem os surdos matriculados no ensino regular. Na formação ou no decorrer da carreira docente desses professores ouvintes, ainda

não eram oferecidos cursos preparatórios de comunicação em sinais (Libras), portanto os mesmos podem desconhecer as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Hodiernamente, quando os cursos são oferecidos pelos órgãos públicos estaduais e municipais ficam limitados, como previsto, ao ensino de Libras e não comportam discussões sobre o planejamento pedagógico adequado às especificidades dos alunos surdos.

Ressalta Wrigley (1996, p.4) que “na maioria das vezes falta empenho, dedicação para conhecer, aprender outra língua, é mais fácil dizer que não sabe e assim “mascarar” a inclusão. Infelizmente ainda há resistência por parte de muitos profissionais da educação permitindo então uma exclusão que massifica o aluno surdo”.

De acordo com Wrigley (1996):

Os prospectos para crianças surdas são reproduzidos dentro de uma subclasse de educação chamada “especial”. Raramente, no caso da educação especial, significa algo adicional ao comum; na verdade é um subgrupo ou uma porção que daí se delimita. Pressuposições são feitas a partir de uma “capacidade de absorção” de tais crianças marcadas, a respeito das possíveis limitações de seus potenciais cognitivos, em vez de questionar se “canais de absorção” alternativos poderiam ser-lhes disponíveis. (WRIGLEY, 1996, p.4).

As perspectivas educacionais para crianças surdas, permeia uma subclasse da educação especial, significa dizer que os surdos são um subgrupo dentro da educação especial e que por sua vez, são delimitadas por estereótipos que muitas vezes desconhecem suas reais habilidades e capacidades e assim indicando suas faltas, limitando talvez o fortalecimento da identidade surda.

Com a representação social de “doente e incapaz”, o surdo passa a ter o seu “status” diminuído e sem qualquer poder, por ser minoria em um espaço ouvinte e receber o rótulo de problemas de saúde mental, justificado pela ausência de audição e pela necessidade de utilizar uma língua própria, que é a língua de sinais. Considerando que o surdo deve assumir suas características, cultura, língua e não aceitar o status de doente ou incapaz. O surdo apenas não ouve, porém pode desenvolver suas capacidades físicas e mentais como qualquer ouvinte. (SKLIAR, 1999)

Na verdade, muitos surdos não se reconhecem como deficientes afirmando que apenas tem como língua materna a Libras e como segunda língua o Português, dizem que são “normais” como as outras pessoas são diferentes apenas na forma de se comunicar.

## **Método**

Trata-se de um estudo de campo, qualitativo, desenvolvido em escolas das seguintes cidades: Ribeirópolis, Itabaiana e Campo do Brito, no estado de Sergipe, buscando conhecer a importância do Tradutor e Intérprete de Libras, os desafios e inovações.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista de nove questões, com seis professores das referidas escolas.

O campo da pesquisa foram três escolas de três cidades do estado de Sergipe: Ribeirópolis, Itabaiana e Campo do Brito.

O Colégio Municipal Leniza Menezes de Jesus, localiza-se na Praça José Severiano de Jesus, nº 736, no centro da cidade de Ribeirópolis – SE, atuando com Ensino Fundamental e Atendimento Educacional Especializado – AEE. É pioneira em AEE no município.

A Escola Estadual Vicente Machado Menezes, localiza-se no centro da cidade de Itabaiana/SE, na Avenida Otoniel Dórea, nº 501, sendo jurisdicionada pela Diretoria Regional de Educação – DRE'03, atuando com Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Atendimento Educacional Especializado – AEE. É pioneira em AEE no município.

A escola Estadual Guilherme Campos, localiza-se no centro da cidade de Campo do Brito/SE, na Rua General Siqueira de Menezes, nº 361, também jurisdicionada pela Diretoria Regional de Educação – DRE'03, atuando com Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Atendimento Educacional Especializado – AEE. Sendo pioneira em AEE no município, iniciando o atendimento a alunos surdos no ano de 2016.

As escolas possuem estrutura física adequada. Foram encontradas duas alunas surdas no Colégio Municipal Leniza Menezes de Jesus, na cidade de Ribeirópolis/SE, oito (08) alunos surdos na Escola Estadual Vicente Machado, Itabaiana/SE e quatro (04) alunos surdos na Escola Estadual Guilherme Campos em Campo do Brito, Sergipe. Por serem pioneiras em Atendimento Educacional Especializado – AEE, incluir no seu quadro funcional o Tradutor e

Intérprete de Libras, ofertar Atendimento educacional especializado na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM, então estas escolas concentram os alunos com necessidades Educacionais Especiais – NEE, especialmente alunos surdos, sendo então a Amostra da pesquisa destas respectivas instituições. São as únicas escolas destes municípios que oferecem esta modalidade de ensino.

## Procedimentos

A pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2016 a julho de 2017, o trabalho foi iniciado com observação, verificando quais instituições escolares destes municípios teria dentre os alunos matriculados na rede regular, alunos surdos, como ocorria o processo de inclusão na sala de aula regular, a relação com os professores, com o Tradutor e Intérprete de Libras, a existência ou não de sala de Recursos Multifuncionais.

Foram três dias de observação, nos quais foi possível perceber como funciona a dinâmica escolar, o aluno surdo com e sem intérprete na sala de aula regular, a Entrevista foi agendada para ser realizada sem prejuízo na carga horária dos envolvidos, foram realizadas com êxito, cooperação e entusiasmo, sem intercorrências.

## Análise e Discussão dos Resultados

Os dados foram organizados em tabelas para melhor visualização das informações coletadas no campo.

**Tabela 1** - Você já participou de cursos de formação continuada, especifica, para o atendimento educacional de alunos surdos? Teça algum comentário a respeito dessa formação?

<i>“[...] nunca participei de nenhuma formação para trabalhar com crianças especiais deveria ter profissionais da área para trabalhar com pessoas especiais”. P1</i>	<i>“[...] não. Pois na minha escola tem uma sala com uma professora qualificada nessa área” P2</i>	<i>“[...] nunca participei destes cursos” P3</i>	<i>“[...] Sim. Atendo duas alunas surdas” P4</i>	<i>“[...] Sim” P5</i>	<i>“[...] Sim” P6</i>
--	--	--	--	-----------------------	-----------------------

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

A tabela 1 apresenta as respostas transcritas dos sujeitos professores questionando: já participou de cursos de formação continuada, específica, para o atendimento educacional de alunos surdos? Teça algum comentário a respeito dessa formação. Em resposta a esse questionamento os professores alegam não ter participado e alguns responde que participaram mas, não especifica quais foram os cursos. De acordo com Oliveira (2012),

O intérprete educacional deve estar sempre estudando e se atualizando para obter uma boa interpretação nas aulas e nas diferentes disciplinas, pois há muitos termos específicos dentro das disciplinas de biologia, química, física, filosofia que não têm sinais nas libras, e, para o intérprete, conhecendo seus significados, torna-se mais fácil explicar para os alunos surdos a forma de combinarem um sinal entre si para estes termos (OLIVEIRA, 2012, p. 100)

Concordando com os relatos antes realizados pelos gestores e coordenadores a respeito da ausência da formação para todos que fazem parte da escola e em especial para os professores que estão em contato direto com os alunos surdos.

**Tabela 3 -** Você acredita que a presença de um intérprete da Língua de sinais na sala de aula regular ajudaria na interação e aprendizagem do aluno surdo?

<i>“[...] a presença do Intérprete com certeza ajuda na interação professor aluno” P1</i>	<i>“[...] ajudaria na interação e aprendizagem do aluno surdo, seria bem útil e bem vindo porque há professores que não tem como se comunicar com esses alunos”P2</i>	<i>“[...] a presença de um intérprete da Língua de sinais na sala de aula regular, complementaria o trabalho do professor para com esses alunos especiais” P3</i>	<i>“[...] a função do Tradutor e Intérprete de libras em qualquer local e circunstâncias, como a própria nomenclatura já sugere é traduzir e interpretar a mensagem de uma língua para outra de forma precisa permitindo a comunicação entre duas culturas distintas. No Colégio Municipal Leniza Menezes de Jesus o intérprete teve a função de canal comunicativo entre os surdos , o professor, colegas e todos que compunham este ambiente ”P4</i>	<i>“[...] o TILs é muito importante, porém precisa se somar, se doar, atuar com o professor da SRM, entender que o nosso mundo é o mundo do surdo também, é preciso haver interação de todos” P5</i>	<i>“[...] muito importante é interpretar em LIBRAS uma determinada língua, ou vice-versa, para que haja comunicação entre surdos e ouvintes” P6</i>
---	---	---	--	--	---

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

A tabela 3 revela à concepção dos professores participantes da pesquisa em relação a presença de um intérprete da Língua de sinais na sala de aula regular ajudaria na interação e aprendizagem do aluno surdo. Todos apresentam em suas falas a importância do intérprete da Língua de sinais nas salas de aula que tem alunos surdos, como podemos.

De acordo com Damázio (2007):

É absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papéis são absolutamente diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior. (DAMÁZIO, 2007, p. 16).

A compreensão da importância do intérprete de sinais e a sua função de fato é o que faz a diferença em seu trabalho, onde cada profissional assuma e exerça a sua função tendo como objetivo o desenvolvimento integral do educando.

**Tabela 4** - Professor, o aluno deficiente auditivo comumente, utiliza-se dos outros órgãos dos sentidos para se comunicar com o mundo exterior. Então pergunto: Quais são os recursos que você usa na sala de aula para estimular os alunos surdos a participarem das atividades escolares?

<i>"[...] pouco" P1</i>	<i>"[...] cartazes, desenhos" P2</i>	<i>"[...] os recursos utilizados em sala de aula são "recursos visuais" cartazes, gravuras e outros" P3</i>	<i>"[...] material concreto diversos, computador e tantos outros" P4</i>	<i>"[...] Na sala de recursos há uma diversidade, então vamos utilizando e descobrindo quais possibilitarão melhor aprendizagem" P5</i>	<i>"[...] Todos disponíveis na sala de recursos e os necessários" P6</i>
-----------------------------	--	---	--	---	--

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

Segundo o Ministério da Educação (2006),

"Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças". (MEC/SEEP, 2006:33)

As falas representam um comprometimento dos professores em buscar melhor atender os alunos surdos, mesmo que com escassez de material eles buscam diversificar a s suas aluas para atender a todos.

**Tabela 5** - Como você entende a função do Tradutor e Intérprete de Libras e como ocorre esta relação na referida escola, diante da aplicação da Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras?

<i>"[...] importante a função do Tradutor e Intérprete de"</i>	<i>"[...] a função do professor Tradutor e Intérprete de Libras, é"</i>	<i>"[...] entendo que o professor Tradutor e Intérprete de Libras vai ajudar"</i>	<i>"[...] essa atividade exige estratégias mentais na arte de transferir conteúdos, das explicações,"</i>	<i>"[...] a função do TILs, é a comunicação do"</i>	<i>"[...] alguns direitos são respeitados, outros não. Na minha opinião é preciso muitos estudos e muitos debates em relação aos direitos dos surdos"</i>
--	---	---	---	---	---

<i>Libras” P1</i>	<i>fundamental nas escolas, pois todas as escolas recebem alunos com deficiência” P2</i>	<i>a esse aluno a desenvolver melhor a sua capacidade” P3</i>	<i>questionamentos e dúvidas viabilizando a participação dos surdos em todos os contextos da aula e fora dela nos espaços escolares” P4</i>	<i>surdo, a boca” P5</i>	<i>serem todos respeitados, se faz necessário uma política de conscientização mais elaborada e efetiva. Aqui na escola, na medida do possível tento fazer valer esses direitos, mas, infelizmente não cabe somente a mim, cabe também a outras pessoas que fingem não saber” P6</i>
-------------------	--	---	---	--------------------------	---

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

Todos demonstram em suas falas que existe um entendimento da função desse profissional e da sua importância para o recebimento de alunos com deficiência e assim poder desenvolver melhor habilidades. A esse respeito Skliar (2011) afirma que:

Ao tomar contato com a LDB, torna-se claro o estímulo para a integração de surdos na escola regular. Embora a lei fale sobre o respeito às diferenças, sobre os recursos disponíveis para a aprendizagem, sobre a tecnologia a serviço da educação e sobre igualdade, parece ficar a desejar discussões que abordem temas culturais e políticos (SKLIAR, 2011, p.108).

Esta compreensão da importância do da função do professor Tradutor e Intérprete de Libras na inclusão de alunos surdos e no cumprimento da lei nos faz compreender o quanto ainda é necessário que os debates ocorram a esse respeito.

**Tabela 6** - Os projetos desenvolvidos pela escola oportunizam os alunos com surdez participarem das atividades em condições de igualdade com os outros alunos?

<i>“[...] nem sempre os alunos surdos são oportunizados a participar dos projetos desenvolvidos pela escola”. P1</i>	<i>“[...] os alunos surdos participam dos projetos desenvolvidos pela escola e são bastante queridos” P2</i>	<i>“[...] oportunizam sim os alunos com surdez participarem das atividades em condições de igualdade com os outros alunos” P3</i>	<i>“[...] Sim” P4</i>	<i>“[...] Com certeza, envolvidos e com muito prazer” P5</i>	<i>“[...] Sim a maioria” P6</i>
--	--	---	-----------------------	--	---------------------------------

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

A tabela 6 apresenta as informações obtidas ao ser tratado o questionamento sobre projetos desenvolvidos pela escola se oportuniza os alunos com surdez a participarem das atividades em condições de igualdade com os outros alunos. A análise possibilita observações

pertinentes relacionadas com a boa vontade e o esforço que os docentes têm em oportunizar igualdade na participação de todos nos projetos.

Na verdade, não se verifica a presença de um Projeto Político Pedagógico que contemple a inclusão de alunos surdos, para além da presença do intérprete em sala de aula (MARTINS, 2008).

Por mais que haja a vontade e o compromisso do docente, as dificuldades em incluir esses alunos podem estar ligadas a falta de formação desses profissionais para trabalhar com alunos surdos e envolvê-los nos projetos.

**Tabela 7** Do seu ponto de vista quais são os maiores desafios a serem superados por você no atendimento educacional do aluno surdo?

<p><i>“[...] os maiores desafios a ser superados são os avanços desses alunos, pois as dificuldades são enormes”. P1</i></p>	<p><i>“[...] ter conhecimento e domínio na pronúncia da Libras ajudaria bastante” P2</i></p>	<p><i>“[...] a comunicação é o maior desafio a ser superados no atendimento educacional do aluno surdo” P3</i></p>	<p><i>“[...] A maior dificuldade sempre foi e continua sendo a presença e o trabalho do profissional de tradutor / interprete o que faz com que as pessoas surdas fiquem as margens da aprendizagem escolar tendo perdas cada vez mais irreparáveis”P4</i></p>	<p><i>“[...] a comunicação em Libras” P5</i></p>	<p><i>“[...] a falta de TIs para ajuda-los na compreensão dos conteúdos. E além disso, a compreensão por parte de alguns professores com relação ao estilo de provas, e as exigências exageradas com relação as atividades”. P6</i></p>
--	--	--	--	--	---

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

As respostas transcritas correspondentes ao questionamento que procurou saber dos professores quais são os maiores desafios a serem superados no atendimento educacional do aluno surdos. De acordo com Skliar (2016),

A educação bilíngue para surdos, como qualquer projeto/proposta educacional, não pode ser neutra nem opaca, porém faltam: a consciência política para entender a educação dos surdos como uma prática de direitos humanos concernente aos surdos; a coerência ideológica para discutir assimetrias do poder e do saber entre surdos e ouvintes; a análise da natureza epistemológica das representações colonialistas sobre a surdez e sobre os surdos. (SKLIAR, 2016, p. 9)

E como afirma um professor, “a compreensão por parte de alguns professores com relação ao estilo de provas, e as exigências exageradas com relação às atividades” P6.

Na tabela 25 clarifica-se, os maiores desafios são propor atividades que levem os alunos a se desenvolver superando os desafios e as limitações, como também, ter

conhecimento e domínio da Libras, evidenciando a falta de TII's para ajudá-los na compreensão dos conteúdos.

**Tabela 8** - Em sua opinião a escola cumpre a Lei Federal de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais?

<i>"[...] a escola não cumpre a lei Federal de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais". P1</i>	<i>"[...] a escola cumpre a Lei Federal de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, pois tem alguns professores que sabem Libras" P2</i>	<i>"[...] a escola cumpre a Lei Federal de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, dentro de suas condições" P3</i>	<i>"[...] vivemos em uma sociedade onde o que menos se respeita são os direitos, ainda menos quando se trata de direitos/garantias para grupos menores, nesse caso, os surdos, sabemos que direito são conquistas e dependem de lutas. A Lei que assegura direitos aos surdos ainda é recente em nosso país se comparada a outras leis criadas muito antes. É visto que já se avançou em alguns aspectos, porém falta muito para ser alcançado. No nosso município especificamente nessa escola não é diferente, as dificuldades são reais" P4</i>	<i>"[...] Sim" P5</i>	<i>"[...] Cumpre" P6</i>
--	---	---	--	-----------------------	--------------------------

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

Na tabela 8 estão contidas as respostas dos sujeitos quando perguntados se a escola cumpre a Lei Federal de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Segundo Sá (2009), "O reconhecimento da diferença é o primeiro passo para a integração do surdo na comunidade ouvinte que o circunda".

A análise permitiu sublinhar que a maioria dos entrevistados que apesar de algumas respostas trazerem a afirmação negativa, onde apresenta que a escola não cumpre com o que dispõem a lei, a maioria diz que sim que a escola realmente cumpre com a lei.

**Tabela 9** Você faz as devidas adequações curriculares para atender as necessidades educacionais do aluno surdo inserido na sua sala de aula?

<i>"[...] algumas vezes, pois faltam recursos e cursos de capacitação". P1.</i>	<i>"[...] faço as adequações curriculares para atender as necessidades educacionais do aluno surdo" P2</i>	<i>"[...] Sim, dentro de minhas condições" P3</i>	<i>"[...] Sim" P4</i>	<i>"[...] Sim" P5</i>	<i>"[...] Faço" P6</i>
---	--	---	-----------------------	-----------------------	------------------------

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

A tabela 9 apresenta as informações obtidas por meio do questionamento feito aos sujeitos entrevistados sobre as devidas adequações curriculares para atender as necessidades educacionais do aluno surdo inserido na sua sala de aula.

A Lei Nº 10.436/02 institui que,

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, Lei nº 10.436/02).

A análise do referido conteúdo revela que os professores buscam fazer algumas adequações nas aulas para atender as necessidades dos alunos surdos, porém, há limitações quando ao conhecimento que muitas vezes, é limitado nesta área. Como observa-se nas falas dos docentes: “[...] algumas vezes, pois faltam recursos e cursos de capacitação”. “[...] Sim, dentro de minhas condições” P3.

**Tabela 10 -** Quais os critérios adotados por você para avaliar o aluno surdo?

<i>“[...] ter conhecimento da língua de sinais, além das mímicas populares da região. E ter recursos para trabalhar os diversos conteúdos em sala de aula”. P1</i>	<i>“[...] a avaliação deve ser contínua, quero dizer o aluno deve ser avaliado diariamente para que seu progresso seja percebido. As observações diárias é que irão demonstrar o que o aluno vem aprendendo” P2</i>	<i>“[...] são cartazes e vídeos” P3</i>	<i>“[...] Durante as avaliações promovo debate e interação com meus pares para que os alunos surdos tenha progresso” P4</i>	<i>“[...] o desenvolvimento integral, os avanços, em qualquer aspecto” P5</i>	<i>“[...] as aquisições intelectuais de modo geral” P6</i>
--	---	---	---	---	--

**Fonte:** Pesquisa realizada pelo autor/2017

A tabela 10 apresenta as informações obtidas por meio do questionamento feito aos sujeitos entrevistados sobre quais os critérios adotados para avaliar o aluno surdo. Para Luckesi (2005) a função diagnóstica fundamenta a avaliação,

[...] neste contexto mais técnico, o elemento essencial, para que se dê à avaliação educacional escolar um rumo diverso ao que vem sendo exercitado, é o resgate de sua função diagnóstica. Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação ter que ser diagnóstica, ou seja, deverá ser um instrumento dialético do avanço, terá de ser um instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos. (LUCKESI, 2005, p. 43)

Estes aspectos trazem uma prévia de como os docentes diversificam suas formas de avaliações no processo de ensino/aprendizagem dos alunos surdos, refletindo positivamente nos resultados do desenvolvimento integral dos alunos surdos, em uma realidade onde

predomina a escassez de recursos principalmente relacionado a formação que melhor prepare estes profissionais.

### **Considerações Finais**

A pesquisa “A contribuição do Tradutor e Intérprete de Libras: desafios e Inovações” despertou a necessidade de conhecimentos sobre Inclusão e a Educação de surdos, destacando a atuação do Tradutor e Intérprete de Libras.

Apesar do reconhecimento da Libras como língua oficial dos surdos brasileiros e segunda Língua Oficial do Brasil, e como um meio fundamental para a inclusão desta comunidade, persiste ainda no ambiente escolar uma certa resistência por parte muitos profissionais que não entende como deve ocorrer o processo de Inclusão de surdos, e muitas vezes, transfere responsabilidades e competências, indicando que é responsabilidade do Professor da Sala de Recursos Multifuncionais, atender a esse público, quando na verdade os trabalhos realizados na sala regular se completam com o trabalho desenvolvido nas salas de recursos multifuncionais.

Todos os profissionais das instituições escolares devem estar envolvidos, precisam ter conhecimentos e habilidades para atender a clientela que a cada dia traz novos desafios. A Libras deve existir em todos os espaços sociais, promovendo a inclusão da comunidade surda nos mais diversos ambientes.

O bilinguismo se faz necessário. É preciso investir em políticas públicas que promovam a capacitação de profissionais, impreterivelmente no ambiente escolar, envolvendo a família e os demais segmentos sociais, interescolares e extraescolares. Assim, o surdo estaria sendo de fato incluído podendo estabelecer comunicação em diferentes espaços sociais, tanto quanto os ouvintes.

No desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se a necessidade do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, sua importância, sem a presença do mesmo, não há inclusão, pois, não há inclusão sem comunicação e a língua materna dos surdos brasileiros é Libras, o português é a segunda língua. O Tradutor e Intérprete de Libras não somente interpreta o que o professor ensina em sala de aula, mas, acompanha o aluno surdo em todos os ambientes escolares promovendo assim a interação, a inclusão.

Ressalta-se que a educação dos surdos “passou” de uma filosofia oralista para uma proposta bilíngue, prova disso é o Exame nacional do Ensino Médio – Enem 2017. A verdadeira inclusão exige preparo e envolvimento de seus profissionais, projetos educacionais mais completos, capacidade de adaptação do currículo às necessidades específicas dos alunos, enfatizando a contribuição do Tradutor e Intérprete de Libras que segundo os surdos entrevistados, este profissional representa “os ouvidos e a voz do surdo”, colocam o TILs, como parte inerente da comunidade e cultura surda, contribuindo para a inclusão, interação, desenvolvimento, aprendizagem e qualidade de vida em todos os aspectos.

Esta pesquisa trouxe reflexões mais elaboradas sobre essa importante temática e, espera-se que o profissional de LIBRAS seja cada vez mais reconhecido, valorizado e apoiado em seus desafios.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005**: análise dos documentos referenciadores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS. 2005.

ANGELUCCI, C. B., e LUZ, R. D. **Contribuições da escola para a (de) formação dos sujeitos surdos**. Psicologia Escolar e Educacional. 14(1), 35-44. 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. 1996.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. Brasília, 2005. **Língua brasileira de sinais – LIBRAS**. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Língua brasileira de sinais – LIBRAS**. Brasília, 2002.

CAMPELLO, A. R., PERLÍN, G., STROBEL, K., STUMPF, M., REZENDE, P., MARQUE, S. R., MIRANDA, W. (2012). **Carta aberta ao ministro da educação elaborada pelos sete primeiros doutores surdos brasileiros, que atuam nas áreas de educação e linguística**. 2012.

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília: MEC, 2007.

GÓES, Maria Cecília Rafael. **Linguagem, surdez e educação**. 3. Ed. Campinas. SP. Autores Associados. 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Ed. Cortez; São Paulo, 2005.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Educação de Surdos no Paradoxo da Inclusão com Intérprete de Língua de Sinais: Relações de poder e (re) criações do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MASUTTI, Mara L. **Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

OLIVEIRA, Fabiana B. **Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras**. Diálogos e Saberes. Mandaguari. v. 8, n. 2012.

PIRES e NOBRE. C. L. e M. A. **Uma investigação sobre o processo de interpretação em Língua de Sinais**. In: Invenção da Surdez I, Thomaz Lopes. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8ª ed. Porto Alegre. Mediação. 2016.

\_\_\_\_\_. (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5º ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

\_\_\_\_\_. **A atualidade da Educação Bilíngue para surdos**. 6ª ed. Porto Alegre. Mediação, 2016.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington. Gallaudet Universty Press. 1996.

#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

SANTOS, Márcia Rejane Oliveira; MIGUEL, Joelson Rodrigues. A Importância do Tradutor e Intérprete de Libras: Desafios e Inovações. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.46, p. 150-171. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/05/2019

Aceito 10/06/2019